

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 9, Hebreus 10:1 9-39: Persevere até a Salvação

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

O autor alternou entre exposição e exortação ao longo de seu sermão, mas ele adiou os maiores blocos de exposição e exortação para o meio e para o fim. Hebreus 7:1 a 10:18 é um bloco sólido de exposição sobre a obra sacerdotal de Jesus e seu significado. Agora, de 10, 19 estendendo-se até o fim do sermão, chegamos a um longo bloco de exortação.

O primeiro bloco dentro desta exortação, 10:19 a 25, é particularmente importante. O autor destacou isso para seus ouvintes porque a linguagem de 10:19 a 24 retorna muito especificamente à linguagem de Hebreus 4:14 a 16, a exortação que precedeu esta palavra central sobre o sacerdócio de Jesus. Ao fazê-lo, ele essencialmente identifica o coração de sua exortação aos ouvintes para se apegarem à confissão ou profissão de sua esperança em Cristo e continuarem se aproximando com ousadia da comunidade cristã, onde o trono da graça, o trono de Deus, também pode ser abordado.

Reiterando a exortação de 4:14 a 16, Hebreus 10:19 a 25 descreve a resposta adequada ao presente custoso de Cristo de acesso a Deus, mas acrescenta um foco específico no aspecto comunitário dessa resposta, a importância de não abandonar a reunião dos cristãos. Essa reunião também é onde alguém se aproxima do trono da graça. Hebreus 10, 26 a 31 apoia essa exortação positiva ao descrever as consequências terríveis que seguiriam a resposta injusta e ingrata de ignorar ou jogar fora os presentes custosos de Cristo.

Ele interpreta estrategicamente o movimento para longe do grupo como um pecado intencional para o qual não há sacrifício restante. Em 10:32 a 39, o autor convida os ouvintes a simplesmente continuarem no caminho que eles tão nobremente perseguiram em tempos anteriores e que ainda estavam perseguindo, e conclui com uma citação de autoridade antiga confirmando os efeitos benéficos, os efeitos salutatórios de permanecer leal e firme, bem como os efeitos destrutivos de recuar ou cair. O autor convida explicitamente os ouvintes a se identificarem com aqueles que demonstram fé e permanecem leais e firmes, em vez de com aqueles que recuam.

Identificar a fé ou a confiança como a qualidade que leva à preservação da alma leva o autor a desenvolver o significado e a postura da fé no capítulo 11. Assim, o famoso capítulo da fé, o elogio sobre a virtude de *pistis* ou fé, emerge naturalmente da exortação em 10:19 a 39. Hebreus 12:1 a 3 conclui o elogio sobre a fé com uma exortação baseada no próprio exemplo de Jesus, que mostra a fé mais plena e perfeitamente expressa.

Ele também fornece uma transição para uma sequência de exortações relacionadas à perseverança que correm ao longo do restante do capítulo 12. O sermão fecha no capítulo 13 com instruções morais e exortações que desenvolvem como alguém deve cumprir a exortação do capítulo 12, versículo 28, ou seja, que os crentes se apeguem à gratidão por meio da qual adoram a Deus de uma maneira agradável. Serviço mútuo, confiança contínua no patrono divino, lealdade a Jesus e adoração são todos aspectos essenciais desta manifestação de gratidão pelo que os crentes estão recebendo no abalo escatológico, ou seja, a entrada no reino inabalável.

Tendo terminado a mensagem que o pregador advertiu no capítulo 5, versículo 11 seria longo e difícil de desembaraçar, e ele agora aplica as verdades que ele tem revelado à situação do ouvinte. Portanto, irmãos e irmãs, visto que por meio do sangue de Jesus temos ousadia para entrar nos lugares santos pelo novo e vivo caminho que ele nos abriu através do véu, isto é, através de sua carne, e visto que temos um grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com um coração sincero e uma certeza de confiança, tendo purificado nossos corações de uma má consciência e lavado nossos corpos com água limpa. Mantenhamos inabalável a confissão de esperança, pois aquele que prometeu é confiável, e consideremo-nos uns aos outros para uma explosão de amor e boas obras, não abandonando a congregação uns dos outros, como é costume de alguns, mas encorajando-nos uns aos outros, e isto tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.

O autor destaca aqui duas coisas essenciais que os destinatários agora têm. Primeiro, é preciso ousadia para entrar em lugares santos. Segundo, um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus deve impeli-los adiante em sua jornada cristã.

Eles receberam o que pessoas de nenhuma era anterior desfrutaram, a santificação que lhes permitirá cruzar os limiares, não apenas do terreno, mas do lugar santo celestial e do santo dos santos, e permanecer na presença de Deus. A posse dos crentes agora da autorização para entrar nos lugares santos relembra a entrada anterior de Cristo nos lugares santos, especificamente como nosso precursor. Jesus passou por trás da cortina, e a esperança dos crentes é a corda que os mantém conectados a ele e ao seu destino.

Agora, o autor celebra a descoberta daquele novo e vivo caminho através da cortina, o caminho para os lugares santos, que antes estavam obscurecidos sob a primeira aliança, e celebra o fato de que ele e sua congregação foram totalmente preparados para cruzar também. Ao falar tão grandiosamente de seu acesso a Deus e sua inserção na casa de Deus, o autor busca gerar confiança nos crentes, dando-lhes uma orientação esperançosa em meio a seus desafios. Seu destino glorioso está garantido contanto que tenham a confiança e a ousadia para continuar avançando em direção a ele.

Dadas as vantagens que eles desfrutam, o autor exorta os crentes a se aproximarem. Isso é o oposto de recuar, o curso alternativo de ação diante deles, que o autor teme que alguns ouvintes tenham em vista e que ele sabe que alguns outros começaram a promulgar à medida que se retiram de se reunir. Eles se prepararam para entrar na santa presença de Deus ao se apropriarem dos benefícios do sacrifício de Jesus, tendo sido purificados tanto no corpo quanto no coração para essa abordagem confiante a Deus.

O sangue de Jesus, metaforicamente falando, aspergiu seus corações para purificá-los da poluição de uma má consciência, que tem sido o tópico principal do versículo 9, versículo 1 ao versículo 10, versículo 18. O sinal externo e visível dessa limpeza interior é a lavagem de seus corpos com água limpa, provavelmente uma referência ao batismo, que serviu como uma entrada universal para a comunidade cristã. A aplicação da linguagem da pureza pelo autor neste ponto, aspergindo o coração e lavando o corpo com água limpa, também reforçará as diferenças e, portanto, os limites entre aqueles dentro do grupo cristão e aqueles fora, que permanecem contaminados pelas obras mortas que caracterizam suas vidas.

Como pessoas que foram separadas por esse processo único de limpeza e consagração, os crentes não são mais os mesmos que seus vizinhos, mas foram distinguidos de seus vizinhos pelo próprio Deus. E isso é muito vantajoso para eles, não importa o quanto seus vizinhos tentem fazê-los sentir o contrário. Aproximar-se é uma sugestão admitidamente vaga para um curso de ação, mas pelo menos serve para orientar os ouvintes a permanecerem com a comunidade cristã onde Deus pode ser encontrado e continuarem a se mover em direção ao objetivo de sua peregrinação cristã em vez de abortar sua jornada.

O autor também chama os ouvintes mais uma vez a manterem inabalável a confissão de esperança, como ele havia feito anteriormente em 3, versículo 6, e 4 versículo 14. A repetição demonstra a importância desta exortação para manter as crenças e expectativas centrais da cultura cristã, bem como manter a profissão pública desta esperança sem vacilar, não menos importante por meio da associação visível e pública contínua com o grupo cristão e por meio do investimento contínuo por parte de cada membro um no outro. A justificativa que o pregador fornece aqui para manter é a fidelidade ou confiabilidade de Deus, aquele que prometeu.

Este, é claro, tem sido um tópico importante do sermão até este ponto, desde a falha da geração do Êxodo em reconhecer e honrar a confiabilidade de Deus, desenvolvida no capítulo 3, até as garantias de Deus a Abraão para auxiliar sua confiança, mencionadas no capítulo 6, até as garantias de Deus ao público do pregador para reforçar sua própria confiança nos capítulos 6 a 8, particularmente o juramento de Deus a respeito do sacerdócio eterno de Jesus e o oráculo de Deus sobre a nova aliança em Jeremias 31 que Jesus inaugurou. O exemplo da geração do deserto preparou particularmente os ouvintes para não deixarem de reconhecer a

confiabilidade daquele que prometeu. Além da convicção interior e do testemunho público em relação à esperança que Jesus lhes trouxe, o autor exorta a um investimento e cuidado cada vez maiores em outros cristãos para ajudá-los em sua jornada adiante contra a corrente da hostilidade do mundo.

Neste ponto da passagem, leitores da maioria das traduções em inglês encontrarão um problema. A NRSV, por exemplo, traduz o versículo 24 do capítulo 10 como vamos considerar como provocar uns aos outros ao amor e às boas ações. Pode-se comparar similarmente a RSV, a NIV e até mesmo a edição atualizada da NRSVUE.

O grego, neste ponto, nos dá apenas, vamos continuar considerando uns aos outros até uma explosão de amor e boas obras. O propósito de considerar o outro não é descobrir como fazer o outro mostrar amor e investir a si mesmo em atos de gentileza em um grau maior. Este tipo de tradução, como a que se encontra na NIV ou na NRSV, requer importar a ideia de como motivar para o texto entre vamos considerar e uns aos outros.

O único verbo no grego, no entanto, é *kata naomen*. Vamos continuar considerando. Vamos continuar observando e notando uns aos outros.

Um ao outro é o objeto deste verbo, e um paroxismo ou uma explosão de amor e boas obras é o propósito ou resultado da ação. O autor chama cada cristão a notar seus companheiros discípulos, a olhar atentamente para eles, para suas lutas, para seus desafios, e realmente vê-los com o resultado de investir neles. Esse tipo de visão é o local de nascimento do cuidado, que dá à luz, por sua vez, a ação proposital para ajudar o outro a suportar sua carga e compartilhar o bem que Deus deseja para ele ou para ela.

Uma tradução melhor, portanto, em modo um tanto equivalente funcional seria, vamos continuar a olhar, realmente olhar uns para os outros para que amemos e façamos o bem uns aos outros ainda mais. Isso se conecta com as exortações do autor em Hebreus para criar o tipo de relacionamentos e estruturas de apoio dentro da comunidade cristã que tornam possível, até mesmo preferível, suportar o desprezo e a hostilidade de fora em vez de desistir do amor, da comunhão e da consideração mútua que existem dentro da igreja. Hebreus 10 versículo 25 fortalece esse ponto, usando antítese para contrastar o curso de ação errado com o curso de ação vantajoso, não abandonando a reunião de vocês, mas encorajando uns aos outros.

Agora, o autor sabe que alguns, talvez uns poucos membros da congregação, começaram a se retirar. Tal retirada, no entanto, é contrária a todo senso de gratidão, que envolve declarar abertamente a dívida de alguém para com o doador e elogiar publicamente o benfeitor que deu grandes presentes. A retirada dos poucos

também desencoraja aqueles que permanecem, corroendo sua determinação de se apegar à sua custosa esperança.

Também diminui os recursos gerais do grupo para ajudar uns aos outros a perseverar. Em vez de retroceder, eles são instados a se tornarem mais diretos em encorajar uns aos outros a se manterem firmes e a investirem suas energias e recursos uns nos outros cada vez mais. O autor aqui estrategicamente os lembra novamente da dimensão escatológica de sua confissão.

O dia, o dia da segunda vinda de Cristo, o dia do julgamento de Deus, se aproxima cada vez mais. À medida que o relógio escatológico avança, o crente deve se tornar mais fervoroso em vez de menos fervoroso, pois este será um dia de recompensa para os fiéis; a contemplação de sua proximidade deve ajudar a sustentar a perseverança, o comprometimento e o investimento no ínterim. Também será um dia de punição para o contrário, pois a passagem a seguir se desenvolverá em uma das advertências mais solenes que o autor apresentará.

O autor apoia sua exortação positiva com a consideração do curso alternativo, retornando a um estilo de vida que os vizinhos descrentes aprovariam e se afastando de associações visíveis com a comunhão cristã. O pregador faz isso em uma linguagem fortemente remanescente de Hebreus 6, versículos 4 a 8. Ele censura um curso de ação como demonstração de ingratidão suprema, o que é, em última análise, desvantajoso porque leva tanto à desonra eterna quanto a um destino pior do que a morte. Pois se intencionalmente continuarmos a pecar depois de receber o conhecimento da verdade, não resta mais um sacrifício pelos pecados, mas uma expectativa terrível de julgamento e de um fogo zeloso que está à beira de consumir os oponentes.

Qualquer um que violar a lei de Moisés morre sem misericórdia pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto pior castigo serão considerados dignos aqueles que pisam aos pés o Filho de Deus e consideram comum o sangue da aliança pelo qual foram santificados e insultam o espírito de favor? Pois conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei.

E novamente, o Senhor julgará seu povo. Uma coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo. O que o autor tem em mente aqui por pecado na cláusula, se intencionalmente continuarmos a pecar, é condicionado pelo capítulo 10, versículos 24 e 25.

Esta não é uma referência geral aos pecados contínuos contra os quais o crente pode lutar, mas mais especificamente, uma referência às ações daqueles que, apesar de conhecerem a verdade da libertação e da esperança que Deus fornece, ainda assim escolhem os benefícios temporários de esconder ou abandonar sua conexão com a comunidade crente e com Cristo. Essas pessoas preferem a amizade dos pecadores e o gozo temporário da aceitação entre os pecadores às dificuldades que o povo de

Deus deve suportar neste mundo por conta da hostilidade dos pecadores. Quando o autor diz se continuarmos a pecar intencionalmente ou voluntariamente, ele está fazendo uma referência à distinção feita na Torá, especialmente em Números capítulo 19, versículos 22 a 31, entre pecados cometidos involuntariamente para os quais há sacrifícios prescritos e aqueles cometidos arrogantemente ou com mão alta para os quais há apenas punição.

Os moralistas greco-romanos também censuram a transgressão intencional como digna de punição mais rigorosa. O pregador está afirmando que desertar da comunidade cristã é algo escolhido voluntariamente, escolhido intencionalmente, não compelido por forças externas. O desertor ou o crente covarde não tem o conforto de pensar que ele ou ela cede à necessidade prática quando esconde sua conexão com Jesus.

Tal curso continua sendo uma violação voluntária e intencional de um pacto, a lei universal de ser justo e grato para com os benfeitores. Quando o autor diz aqui que não resta mais um sacrifício pelos pecados, ele está repetindo uma linguagem que ele usou alguns versículos antes no capítulo 10, versículo 18. Ali, a afirmação de que não resta mais um sacrifício pelos pecados forneceu prova do perdão decisivo e da limpeza da consciência oferecida por Jesus.

Agora, no entanto, a mesma linguagem é empregada para sublinhar a importância de manter esse relacionamento com Deus por meio de Jesus uma vez formado. Este não é apenas o caso por causa da natureza única da oferta de Jesus de si mesmo, uma oferta que não deve ser repetida, mas também por causa da grave afronta a Deus e a Jesus, o mediador, e ao próprio sangue de Jesus que seria dada pela pessoa que pensa que tais dons e tal relacionamento não valem o custo de manter. Tudo o que resta para essas pessoas é o julgamento de Deus, a expectativa de um fogo ansioso à beira de consumir os adversários, como o autor coloca no versículo 27.

O autor usa a linguagem de Isaías 26, versículo 11, onde lemos que o ciúme tomará pessoas sem educação, e o fogo comerá os adversários. Mas nosso autor ampliou essa linguagem bíblica para aumentar a imagem. Jealous agora descreve o próprio fogo como um fogo zeloso.

As consequências são apresentadas como mais iminentes ao uso do verbo grego *mellow* pelo autor com um infinitivo no lugar de um mero verbo futuro, um fogo zeloso que está à beira de consumir os adversários, que está prestes a consumir os adversários. Aqueles que recusam o curso de ação proposto pelo autor, vamos continuar nos aproximando, encontram-se então diante da perspectiva sombria do julgamento, uma realidade iminente, cuja severidade é aumentada pelo argumento menor para o maior que o autor passa a apresentar nos versículos 28 e 29. O caso menor neste argumento vem de Deuteronômio 17, versículo 6, onde infrações

intencionais da aliança mosaica resultaram em execução mediante o testemunho de duas ou três testemunhas.

A premissa não declarada neste argumento é que Jesus é digno de maior honra do que Moisés, uma premissa que foi estabelecida bem cedo em Hebreus no capítulo 3, versículos 1 a 6. A conclusão do autor, expressa na forma de uma pergunta, propõe uma punição proporcionalmente maior para infrações intencionais do novo vínculo entre Jesus e os crentes, implicando então um destino pior do que a morte. O autor apresenta o afastamento do compromisso firme com o grupo nos termos mais claros, em uma tentativa de tornar tal curso de ação tão terrível a ponto de ser impensável. É como se ele estivesse dizendo, olhe o que você está realmente fazendo se você se retirar do grupo se você valoriza a aceitação do seu vizinho mais do que o favor de Deus.

Este curso é retratado como um ataque triplo à honra de Deus, particularmente hediondo porque tal ataque viola o relacionamento patrono-cliente, retornando não gratidão, mas um insulto ao benfeitor divino. Primeiro, o apóstata é alguém que pisoteou o Filho de Deus. O lembrete de que o título de Jesus é Filho de Deus, que apareceu ao longo do sermão, tanto aumenta a impudência da ofensa quanto coloca a afronta dentro do contexto da própria honra de Deus e, portanto, da presumível determinação de Deus de obter satisfação dos ofensores.

É também uma imagem surpreendentemente irônica e inapropriada, projetada para fazer os ouvintes se encolherem de promulgar tal afronta. De fato, aquele que pode ser desprezado agora e, portanto, pisoteado é aquele a cujos pés todos os seus inimigos logo serão levados à sujeição, como o autor afirmou em Hebreus 1:13 e 10:13. Segundo, a pessoa que se afasta considerou profano o sangue da aliança com a qual ele ou ela foi santificado, pelo qual os crentes foram decisivamente restaurados ao favor divino a tal custo para Jesus em seu favor. Finalmente, aquele que decide que os benefícios do mediador, o maior dos quais é o acesso a Deus como patrono, não são de valor suficiente para merecer suportar o abuso e o desprezo da sociedade, está dando testemunho público dessa falta de valor se eles desertarem do grupo cristão e, assim, ultrajarem o espírito da graça.

O contraste aqui entre hubris e charis, entre afronta ou insulto e favor ou disposição gentil, não poderia ser mais marcante. De fato, corresponder ao favor e à promessa de benfeitoria com um insulto é ao mesmo tempo altamente inapropriado e indizivelmente tolo. A falha em perseverar é, portanto, vergonhosa em si mesma, pois decreta ingratidão, o mais vil dos vícios, mas também carrega as consequências mais severas.

Tão grandes quanto as vantagens obtidas pela custosa mediação de Jesus, tão grande é o dano que advém de desprezar o favor de Jesus e o favor de Deus. A convicção de que o ingrato, e ainda mais, aquele que retribui o insulto por um favor,

merece punição é comum no primeiro século. O desafio à honra de Deus e do Filho resulta na vindicação de Deus de sua honra na punição do ofensor.

A amplificação da magnitude do erro é certamente também o efeito dessa tripla descrição da acusação no capítulo 10, versículo 29, e a sugestão de que não pode haver punição adequada para tal afronta. O autor apoia a certeza de tal punição com recitações de Deuteronômio 32, o Cântico de Moisés. O tópico principal de Deuteronômio 32 é o fato de que Deus vinga violações de sua honra, e assim lemos em Hebreus 10, versículos 30 e 31, Pois conhecemos aquele que disse: A vingança é minha; eu retribuirei.

E novamente, o Senhor julgará seu povo. A vingança é minha; eu a retribuirei como uma recitação de Deuteronômio 32, versículo 35, combinando as leituras hebraica e grega do versículo. Em seu contexto original, esta foi uma promessa de Deus para vindicar seu próprio povo depois que eles foram pisoteados por seus inimigos.

Aqui, no entanto, torna-se um aviso direcionado ao povo de Deus. A próxima recitação, O Senhor julgará seu povo, é tirada do versículo seguinte, Deuteronômio 32, versículo 36. Novamente, em seu contexto original, o sentido é que Deus vai vindicar seu povo.

O Senhor vindicará seu povo e terá compaixão deles, é o versículo completo em hebraico. O verbo hebraico para vindicar, no entanto, é traduzido como juiz na Septuaginta, a tradução grega de Deuteronômio. Embora o verbo grego *krinane* também possa significar vindicar, a tradução abre a possibilidade de ler o versículo, assim como nosso autor, ou seja, como um aviso do julgamento vindouro de Deus sobre seu próprio povo.

Esta conclusão então reforça para os ouvintes que o perigo final que eles enfrentam é encontrar Deus como juiz, não continuar a suportar o assédio e a rejeição de seus vizinhos, pois, de fato, é uma coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo. Como o autor alternou entre um apelo ao medo e um apelo à confiança antes neste sermão, ele agora também segue o aviso assustador de 1026-31 com considerações que seriam propícias à confiança se os destinatários continuassem a prosseguir. Lembrem-se dos dias anteriores, nos quais, tendo sido iluminados, vocês suportaram uma grande disputa de sofrimentos, em parte sendo feitos um espetáculo por meio de reprovações e provações e em parte se tornando parceiros daqueles assim tratados.

Pois vocês tinham simpatia pelos que estavam na prisão, e aceitaram com alegria a apreensão de suas propriedades, sabendo que vocês mesmos tinham posses melhores e duradouras. Apelos às próprias realizações passadas de um grupo frequentemente serviam como base para encorajamento a empreendimentos futuros. Por exemplo, no clímax de *Agrícola*, de Tácito, o general romano reúne suas tropas com estas palavras: A longa estrada que viajamos, as florestas pelas quais

abrimos caminho, os estuários que cruzamos, tudo redundando em nosso crédito e honra, desde que mantenhamos nossos olhos na frente.

Eu citaria os exemplos de outros exércitos para encorajá-lo. Do jeito que as coisas estão, você só precisa se lembrar de suas próprias honras de batalha, só questionar seus próprios olhos. O efeito retórico de tal discurso é triplo.

Primeiro, o apelo instila um senso de confiança, afirmando que, assim como o grupo teve sucesso em executar o que era necessário antes, ele teria os recursos e a resistência para ter sucesso novamente. Segundo, há uma relutância em abandonar um empreendimento no qual tanto já foi investido. Terceiro, o general instila um senso de medo nos ouvintes, para que as conquistas e honras anteriores não sejam prejudicadas pela falha em agir e perseverar no presente.

O autor de Hebreus, ao chamar a atenção do destinatário para sua resistência anterior e ação fiel, aproveita o poder triplo desse recurso retórico. Já exploramos essa passagem em um segmento introdutório da perspectiva da experiência passada real dessa comunidade. Aqui, precisamos apenas nos preocupar com o uso retórico do episódio em que o autor o coloca.

Ela fornece um exemplo impressionante da fidelidade que Deus honra e recompensa. Ela fornece evidências de que o público pode de fato perseverar, pois eles provaram sua capacidade de fidelidade diante da hostilidade antes. Dois elementos da passagem merecem atenção especial.

Quando o autor escreve, você suportou uma grande disputa de sofrimentos; ele está interpretando a experiência anterior de desgraça e abuso do ouvinte, a experiência que inicialmente marcou sua marginalização, não como uma experiência infeliz de ser vitimizado, mas como uma grande disputa. Por meio de imagens atléticas, ele transforma uma experiência de desgraça e marginalização em uma competição por honra, uma que é vencida continuando a lutar, não cedendo sob pressão. Essas metáforas atléticas são comuns na literatura de culturas minoritárias do período, sejam elas textos filosóficos greco-romanos, textos judaicos ou textos cristãos primitivos.

E essas metáforas são um meio de subverter, até mesmo inverter, a mensagem que os de fora desejam comunicar por meio de sua oposição e hostilidade. O autor retornará a esse campo de metáforas mais detalhadamente no capítulo 12, versículos 1 a 4. Lá, os ouvintes serão instados a ver sua vida neste mundo como uma disputa contra o pecado e contra os pecadores, um esforço para atingir o prêmio da vitória, a esperança colocada diante deles, engajados à vista de muitos que lutaram bravamente e com sucesso ao longo da história sagrada. Estou falando aqui da nuvem de testemunhas, que talvez seja melhor traduzida como a nuvem de espectadores que o autor cria em seu desfile de exemplares de fé no capítulo 11.

É para a aprovação de tal nuvem de espectadores que os ouvintes serão instados a contender em vez de gratificar seus antagonistas, seus vizinhos hostis, cedendo. O autor também destaca aqui a experiência que pelo menos alguns dos crentes sofreram com a apreensão de suas propriedades, lembrando como eles aceitaram isso com alegria, sabendo que possuíam bens maiores e duradouros. As posses que pertencem ao reino visível terrestre são de menor valor do que aquelas que são oferecidas no reino celestial precisamente porque somente o reino celestial permanecerá ou sobreviverá à remoção escatológica das coisas que podem ser abaladas.

Como o autor sugeriu no capítulo 1, versículos 10 a 12, e apresentará novamente explicitamente no capítulo 12, versículos 26 a 28. Posses terrenas proporcionam apenas honra e prazer temporários. Os crentes são chamados, portanto, a manter seus corações fixos na riqueza melhor e duradoura reservada para eles em sua cidade permanente e duradoura.

O autor transforma as ações passadas e o comprometimento dos destinatários, seus atos anteriores de coragem e generosidade uns para com os outros, em causas de louvor e autorrespeito, de modo a movê-los a continuar no mesmo curso de ação. Então o autor continua a exortá-los nos versículos 35 e 36. Não joguem fora a sua ousadia, que contém uma grande recompensa, pois vocês têm necessidade de perseverança para que, depois de terem feito a vontade de Deus, possam alcançar a promessa.

Ousadia, parrhesia em grego, tem sido temática ao longo do sermão. Por um lado, fala da confiança dos destinatários com relação ao acesso aberto a Deus mediado por Cristo. Aqueles que agora mostram deslealdade e desrespeito ao Filho certamente correm o risco de jogar fora essa ousadia.

Também se refere, de forma complementar, à declaração aberta dos destinatários de sua esperança refletida em sua resistência às técnicas de vergonha da sociedade, de uma ousadia que se estendia até mesmo à sua associação aberta com aqueles mais destacados por sua sociedade por suas técnicas de controle de desvios. Depois de serem esclarecidos, eles demonstraram aberta e confiantemente aos olhos do público a importância dos dons que receberam de Deus por meio de Cristo e os benefícios pelos quais ainda esperavam. Continuar assim a demonstrar ousadia diante da desaprovação de seu próximo significa também manter a ousadia que eles têm em relação a se aproximar confiantemente de Deus e entrar na presença de Deus no fim dos tempos.

O autor, portanto, exorta à resistência, à resolução contínua e à coragem diante da oposição e da perda, para que o público possa de fato entrar na recompensa na qual eles também já investiram tanto. O autor fala aqui como se a maior parte do

investimento a ser feito já estivesse para trás. Eles fizeram a vontade de Deus e agora devem apenas esperar até receberem sua recompensa.

A proximidade da recompensa e, portanto, o curto período de tempo restante nesta disputa é uma característica importante da estratégia do autor ao longo do texto. Aqui, em Hebreus 10, versículos 37 e 38, o autor usa a linguagem bíblica para enfatizar que o tempo restante antes de entrar em sua recompensa foi grandemente encurtado. Esta impressão será reforçada pelo longo desfile dos heróis da fé em Hebreus 11, lembrando os ouvintes de quanto tempo esta disputa está acontecendo e quão longe eles entraram nas listas.

Como lemos então nos versículos 37 e 38, pois ainda um pouco, o que vem virá e não tardará, e o meu justo viverá na base da fé, e se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele. O autor se envolveu em alguma compilação criativa de escrituras nesta passagem. Primeiro, ele toma emprestada a frase em apenas um tempo muito curto de Isaías 26, versículo 20, a fim de aumentar o sentido da iminência do dia da recompensa e do julgamento.

Em seu contexto original, essas palavras falam do período de tempo que o povo de Deus é instruído a se esconder em seus aposentos até que a punição de Deus aos habitantes da Terra siga seu curso. Nesse novo contexto, as palavras servem para enfatizar a proximidade da visita vindoura de Deus ou de Cristo e para facilitar a manutenção do compromisso por mais um pouco. Também reforça para os ouvintes a sensação de estar em um limiar dessa herança, exatamente onde a geração do deserto estava quando vacilou e se tornou para sempre um padrão de desconfiança e desobediência vil.

O restante desta passagem é uma reformulação radical de Habacuque 2, versículos 3 e 4, e pode-se realmente ver um pouco de progressão aqui do texto hebraico de Habacuque para a tradução da Septuaginta de Habacuque para o tipo de versão reescrita que o autor do hebraico fornece, tornando esse material das escrituras ainda mais adequado às necessidades pastorais de seu momento. Na Bíblia hebraica, Habacuque 2, versículos 3 e 4 diz: Há uma visão para o tempo determinado. Ela fala do fim, e não mente.

Se parece demorar, espere por isso. Certamente virá e não demorará. Olhe para o orgulho.

O espírito deles não é reto neles, mas o justo vive pela fé. Se fôssemos ler isso na versão da Septuaginta, a tradução grega de Habacuque 2, 3, encontraríamos algumas diferenças significativas. Ainda há uma visão para o fim, e ela virá à luz finalmente e não em vão.

Se ele ou ela tardar, espere por ele ou ela, pois o que vem chegará e não demorará. No grego, há uma certa ambiguidade nos pronomes quanto a se deve ser lido como ele, referindo-se à visão, ou como ele, olhando para a frente para uma figura que está chegando. Na verdade, a tradução grega muda a linguagem de tal forma que não estamos esperando uma visão vir, mas agora verdadeiramente por alguém que venha, alguma figura no futuro.

E então no versículo seguinte, Habacuque 2, 4 na Septuaginta, Se ele recuar, minha alma não tem prazer nele, mas o justo viverá pela fé. O que estava na versão hebraica deste texto é que a censura do orgulhoso é transformada em uma declaração sobre o que vem, ou seja, se o que vem mostrar covardia, ele não será agradável a Deus. A maneira como o autor de Hebreus o traduziu é diferente de ambos.

O que vem virá e não tardará. E o meu justo viverá pela fé. E se ele recuar, a minha alma não se compraz nele.

O autor de Hebreus transpôs a ordem da primeira metade de Habacuque 2:4 e da segunda metade de Habacuque 2:4 como foi relatado na versão da Septuaginta. Assim, se ele recua, ele não se aplica mais ao que vem, mas àqueles que esperam pela libertação de Deus, os justos. Aqueles que esperam pela libertação de Deus, confiam e firmam viverão.

Meu justo viverá pela fé, enquanto aqueles cujos corações falham, aqueles que recuam, não agradarão a Deus. Essa transformação serve diretamente ao objetivo pastoral do autor. O texto de Habacuque agora serve para delinear dois cursos de ação: o de confiar e permanecer firme e o de recuar.

O primeiro leva explicitamente à vida, enquanto o último é censurado por Deus, que não tem prazer naqueles que seguem esse caminho. Hebreus 10 versículo 39 conclui esta seção ao formular uma antítese usando dois termos-chave de Habacuque 2, 4, recuar e fé. Não somos daqueles que recuam para a destruição, mas somos daqueles que têm fé para a preservação da vida.

A transposição do autor novamente dessas duas cláusulas em Habacuque 2, 4 permite que ele distinga entre dois grupos e suas propriedades: aqueles que mostram confiança e firmeza, que preservam suas vidas, e aqueles que mostram covardia e desconfiança, que caem na destruição porque recuam diante da hostilidade dos pecadores à maneira da geração do deserto. O autor posiciona claramente os ouvintes para se identificarem com o primeiro grupo, não menos importante para evitar o destino do segundo grupo. Em Hebreus 10:19 a 39, o pregador colocou grande força retórica em uma porção muito focada do texto.

Nestes 21 versículos, ele reuniu vários apelos às emoções dos ouvintes. Movendo-se entre confiança e medo em 10:19 a 25, o pregador procurou fazer os ouvintes se sentirem confiantes em relação ao seu acesso a Deus, enquanto eles se apegam e respondem bem ao que Jesus fez por eles em seu favor. O pregador segue isso estrategicamente com um apelo à emoção do medo nos versículos 26 a 31 para aumentar a aversão dos ouvintes em agir em suas circunstâncias presentes de qualquer forma que mostre desrespeito ou desonra para com seu benfeitor divino.

Ele seguiu isso por sua vez com outro apelo à confiança nos versículos 32 a 36, apelando ao próprio exemplo passado dos ouvintes, mostrando que eles já fizeram o que Deus valoriza e honra, e se eles simplesmente continuarem fazendo isso, eles realmente chegarão ao bom fim que Deus prometeu para eles. O autor também encheu esta seção com apelos à argumentação racional, especialmente sob os títulos de vantagem relativa, justiça e viabilidade. O autor continuou a convidar os ouvintes a pesar as alternativas diante deles e determinar qual será a mais vantajosa.

Ele os exorta ao longo desses 21 versículos a se apegarem aos bens eternos e aos relacionamentos eternamente benéficos que começaram a desfrutar e a estarem dispostos a continuar a sacrificar bens temporários e a amizade daqueles que rejeitam Deus e seu Filho para que alcancem recompensas eternas, tendo feito escolhas sábias em suas circunstâncias atuais. Ele acrescenta considerações de justiça, particularmente considerações sobre o que é devido àqueles que beneficiaram alguém. Assim, ele exorta os ouvintes a evitar cursos de ação que mostrariam desrespeito aos seres mais honrados e poderosos do cosmos ou ingratidão para com aqueles que deram tudo de si para garantir benefícios eternamente valiosos para os ouvintes.

O autor acrescenta ainda considerações de viabilidade. O público suportou antes e sob condições mais duras. Sua própria história mostra que eles continuam, eles podem continuar a suportar a quantidade de trabalho e investimento por trás deles.

Ir em frente até o fim não pode ser muito mais difícil. Finalmente, sustentando toda essa passagem, o autor tem mantido a atenção dos ouvintes focada não em seus desafios cotidianos e no que poderia aliviar esses desafios, como se essas fossem as considerações de importância primária, mas no desafio final de encontrar Deus com sucesso no dia do julgamento como o desafio de importância primária. Isso, por sua vez, ilumina claramente o curso de ação diário que eles devem tomar.

Esta seção do sermão do autor também continua a falar de desafios particulares à situação dos crentes em todas as eras. Em particular, ele nos lembra da importância de investir na perseverança de nossos companheiros cristãos. No capítulo 10, versículos 24 a 25, ele exorta os ouvintes a não se retirarem da comunhão, mas a continuarem investindo a si mesmos, particularmente em encorajar suas irmãs e irmãos dentro dessa comunhão à luz do dia vindouro.

No capítulo 10, versículo 34, ele elogia os ouvintes pelas maneiras como eles investiram uns nos outros no passado, esperando assim estimular sua ação contínua no futuro. Tudo isso nos lembra mais uma vez neste sermão que o discipulado cristão não é uma questão privada, nem é uma questão pessoal. Discípulos individuais são frequentemente superados porque as pressões que trabalham contra sua perseverança e os drenos em sua perseverança são maiores do que sua própria capacidade individual interna de suportar.

O autor nos incumbe da responsabilidade de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para apoiar uns aos outros diante de tais pressões, para que cada um possa suportar. Este desafio tem aplicação além de nossas congregações locais para a igreja global, especialmente igrejas e nações onde os vizinhos dos cristãos e frequentemente seus governos trabalham arduamente para corroer seu comprometimento com Jesus. Conforme lemos ou ouvimos no sermão, olhemos uns para os outros, realmente olhemos uns para os outros, até que uma explosão de amor e boas obras seja o resultado.

Ao lermos isso, devemos sempre ter em mente não apenas as irmãs e irmãos próximos a nós, mas nossa família na igreja perseguida, os menores irmãos e irmãs de Jesus, para quem nossa intervenção oportuna poderia de fato ser uma resposta às orações que eles têm enviado diante do trono da graça. O autor também nos desafia a viver de tal forma que sempre honremos nosso divino patrono e seus dons. Tendo obtido comunhão íntima com Deus e conhecimento do que Deus aprova, nós o desonraríamos se permitíssemos que o medo da hostilidade do mundo nos impedisse de testemunhar o que Jesus fez por nós ou de seguir qualquer curso de ação que Deus nos chamou para seguir.

Se arrastarmos nossos pés ao longo do caminho da cruz por arrependimento por nossa amizade perdida com o mundo, desonramos novamente o doador e o valor da amizade de Deus. Se começarmos a pensar que seguir Cristo até o fim significa abrir mão de muita coisa, mostramos pouca consideração pelos privilégios e vantagens que seguir Cristo nos trouxe. Em vez disso, nossas vidas devem refletir o grande valor do presente que recebemos, o que significa responder a Deus com uma gratidão que abrace o coração, a mente, o corpo e o desejo.

Se nos importamos mais com sucesso ou respeito ou ser sábio como este mundo os define, se continuamos seguindo suas regras e definimos nossas ambições em suas promessas, pisoteamos Jesus. Damos muito pouco valor ao seu sangue se nos recusamos a andar naquela vida para a qual ele nos libertou. Insultamos o favor de Deus se buscamos garantir o favor do mundo primeiro e, então, até onde o mundo nos permitir, os benefícios prometidos por Deus.

Se nosso primeiro pensamento é manter a aprovação de nossos vizinhos, colegas de trabalho ou concidadãos, e se buscamos viver nossa vida cristã dentro dos parâmetros dos tipos de comportamentos ou palavras que não ofenderão os descrentes, mostramos por nossas vidas cuja aprovação realmente importa para nós, e insultamos a Deus. Se atendermos obedientemente a tudo o mais que nossa sociedade nos diz que é importante e então dermos a preocupações religiosas qualquer tempo, recursos e energia restantes, dizemos a Deus, seus dons e chamado não são de primeira ordem de importância em minha vida. O autor de Hebreus nos chama para deixar nossas escolhas, ações e ambições refletirem o verdadeiro valor das coisas e para buscar as promessas de Deus com todo nosso vigor e total confiança, firme comprometimento e fé, não permitindo que nenhum objeto mundano nos desvie ou atrase.

A contemplação da imensidão dos dons que recebemos de Deus também fornece um remédio poderoso contra a tentação. À luz da purificação que Jesus realizou por nós, do acesso íntimo que temos com Deus, da amizade diária do Espírito Santo e do destino que Deus designou para os fiéis. Queremos realmente nos entregar a qualquer pecado particular que nos assola no momento, seja ele qual for? Queremos devolver amargura a Deus, que nos derramou apenas bondade? Esta passagem sugere que pesemos o valor dos dons de Deus e a resposta que a gratidão exige quando enfrentamos qualquer dilema sério ou quando contemplamos uma ação que, embora fácil, lucrativa ou agradável a curto prazo, é, no entanto, pecaminosa.

Também somos convocados à ousadia em nosso encontro com o mundo fora da Igreja. Há muitas pressões que impedem a liberdade de expressão, a parrhesia ou a ousadia no sentido de seu significado na cidade-estado democrática grega com relação ao testemunho cristão e ao discipulado. No mundo ocidental, a privatização da religião criou uma cultura na qual a fala sobre Deus só é apropriada em certos lugares, igrejas, lares e coisas do tipo.

A secularização cria um clima no qual algum investimento em atividades religiosas é apropriado, embora opcional, mas muito investimento é visto com suspeita. O materialismo, a visão de que o mundo tangível é o mundo primário, gera uma cultura na qual é muito mais fácil e confortável falar de preocupações temporais. Assim, clima, política, filmes e coisas do tipo são tópicos de conversa mais frequentes do que nossas experiências com Deus em nossos momentos de oração e meditação, nosso progresso na luta contra certos pecados e nossas percepções dos desafios e do chamado de Deus.

Obstáculos em muitos países não ocidentais são muito mais assustadores. Em vista de todos e quaisquer obstáculos, a palavra do autor de Hebreus é clara. Não jogue fora sua ousadia.

Ou, se você ainda não demonstrou sua ousadia, descubra sua liberdade de testemunhar em palavras e ações o Deus que o redimiu e libertou, em todas as facetas de sua vida.